

PESQUISA

DIÁSPORA E CULTURA: CONTRIBUIÇÕES DE STUART HALL À PESQUISA SOBRE AGREMIÇÕES AFRODESCENDENTES EM FLORIANÓPOLIS (1920-1950)¹

KARLA LEANDRO RASCHE*

Este trabalho propõe discutir aspectos iniciais da pesquisa de doutorado em andamento que aborda a temática das agremiações organizadas por populações de origem africana em Florianópolis na primeira metade do século XX em Florianópolis, atentando, especialmente, para a *Associação dos Homens de Cor*, os Clubes Recreativos *Brinca Quem Pode* e a *União Recreativa 25 de Dezembro* e as Escolas de Samba *Os Protegidos da Princesa* e a *Embaixada Copa Lord*. Procuramos evidenciar questões que emergem em nossa pesquisa, principalmente a partir de reflexões e leituras proporcionadas por Stuart Hall (HALL, S. **Da Diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003. Liv Sovik (org.); HALL, S. **Sin Garantías**: trayectorias y problemáticas em estúdios culturales. Popayán: Envió Editores, 2010; HALL, S. **Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2011. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro) nestes caminhos de revisão bibliográfica e construções conceituais e metodológicas componentes da fase em que a pesquisa se encontra.

Clubes recreativos, escolas de samba, irmandades religiosas, capoeiras, cacumbis, bois-de-mamão e terno de reis tocados no orocongo,

evidenciam presenças africanas na Ilha de Santa Catarina e seus entornos. A presença de muitas destas manifestações culturais faz-se registrada desde o século XVII pelo menos. Intentamos agora conhecer práticas de matrizes africanas vivenciadas em Florianópolis na primeira metade do século XX, momento de reordenamento da cidade, dos olhares médico-higienistas, de migrações de áreas rurais de municípios vizinhos para os contornos periféricos da capital catarinense.

Oriundo de práticas do século XIX, o cacumbi envolve danças e cantoria. Marcado ainda, pela interlocução com outros grupos devotos a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, além das apresentações presentes nos carnavais da década de 1950. O Cacumbi do Capitão Amaro, marcante até os anos de 1980, durante os processos migratórios das primeiras décadas após a Abolição, passou a residir e organizar os festejos no Estreito, nas áreas próximas à comunidade da Coloninha, fortemente marcada pela migração de origem africana.

No caso da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, muitas foram as disputas envolvendo práticas culturais e cobranças de posturas por parte da Igreja Católica. Mesmo assim, após embates e reestruturações, a agremiação ainda está atuante, contando nos dias atuais com sua primeira provedora, mulher, negra, a Senhora Maria Teresinha Agostinho. Uma Irmandade leiga fundada e gerida por africanos desde o século XVIII, cujas práticas evidenciam uma forma de vivenciar o catolicismo pautada no cuidado com os enfermos e os mortos, preocupada com as festividades em honra aos santos de devoção e também com os cativos. Estes compunham os objetivos básicos desta associação por onde circularam e atuaram centenas e centenas de homens

e mulheres que neste espaço encontraram formas de constituir-se em diáspora, formando laços de solidariedade e amparo, reinventando e adaptando práticas culturais, constituindo famílias e redes de relacionamento (RASCKE, K. L. **Divertem-se então à sua maneira: festas e morte na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, Florianópolis (1888-1940)**. Dissertação de Mestrado em História, PUC-SP, São Paulo, 2013).

Além destes territórios, também os Clubes Recreativos movimentavam a cidade. A *União Recreativa 25 de Dezembro* foi fundada no Natal de 1933, no Morro do 25, antiga rua Chapecó, atual Padre Schoereder. Ramiro Farias, Tertuliano Fernandes, Nicomedes Ferreira, Epaminondas e Vicente de Carvalho, José Capistrano e Leovegildo Luiza da Silva fundaram a agremiação, definindo presidente, tesoureiro, secretário, grêmio feminino, organização de atas, regimento interno e estatuto, semelhante ao mecanismo de funcionamento de outras associações, inclusive da Irmandade do Rosário.

A Sociedade Recreativa *Brinca Quem Pode* surgiu também na década de 1930, fundada na Rua Conselheiro Mafra, bem no centro da capital. Depois foi construída uma sede própria na Avenida Tico Tico, atual Rua Clemente Rovere, nas proximidades da Avenida Mauro Ramos, região central. O Clube aceitava a entrada de brancos, apesar de sua maioria de associados e participantes serem afrodescendentes. A presença marcante nos jornais, apresentando as atividades da associação apontam para um relacionamento mais assíduo com elites dirigentes da cidade e trânsito em diferentes espaços.

Estes clubes evidenciam expressões e formas de constituir uma visibilidade positiva à maneira das ferramentas que dispunham no período. Diante do embate constante com outros clubes, exclusivos para brancos, a rigidez e as condutas exigidas nos clubes afros pautavam-se nas normas da sociedade vigente e exigiam valores exemplares de seus membros, buscando meios de desvencilhar antigas visões estereotipadas e equivocadas sobre as populações de origem africana.

Os espaços associativos eram visados pelas elites políticas e econômicas de então, constituindo seus territórios lugares de tensões, resistências, lutas e mobilizações, visto serem locais de arranjos e laços de solidariedade e construção e uma visibilidade positivada de populações de origem africana, lidavam com os embates hegemônicos de alguns códigos e posturas da sociedade abrangente.

De certo modo, as normas destes clubes compunham estratégias de manutenção destes territórios negros na cidade, bem como constituíam formas de sociabilidades numa sociedade racialmente hierarquizada e excludente.

Além dos territórios já destacados, merecem enfoque as Escolas de Samba *Protegidos da Princesa* e *Embaixada Copa Lord*, as duas primeiras fundadas oficialmente na capital catarinense. A primeira, de 1948, a segunda, de 1955. Ambas movimentaram e ainda movimentam os carnavais citadinos. Agremiações fundadas em meados do século, apresentam visibilidades outras para além das estéticas dos clubes, das irmandades negras e dos cacumbis, compondo cores e ritmos intensos de manifestações de origem africana.

As festas constituem momentos de catarse, de renovação de energias, muito além de divertimentos, compondo encontros em que sensibilidades afloram, onde corpo, ritmo e dança se encontram ao celebrarem tradições. Estas manifestações evidenciam traços de populações de origens africanas, que ao entrarem no “novo mundo” a partir do tráfico, trouxeram consigo experiências, expectativas, visões de mundo que se recriaram e ressignificaram nestes espaços diaspóricos. Constituem indícios de práticas de populações marcadas pelos “trabalhos da memória, mobilizando corpos e sentidos sob dinâmicas boca/ouvido” (ANTONACCI, A. M. **Memórias Ancoradas em Corpos Negros**. São Paulo: EDUC, 2013. p. 111).

Estabelecidas nas áreas de contornos do centro de Florianópolis, compõem territórios negros marcantes na vida da cidade, em especial nas comunidades onde se organizam. Mulheres, homens, idosos e crianças se mobilizam em torno das atividades do carnaval, mas também de um samba e de práticas culturais de matrizes africanas que se atualizam no cotidiano, extrapolando os três dias de carnaval. Constituem, nos dizeres de Maria Antonieta Antonacci, extravasamento em “danças, ritmos e instrumentos musicais, não só na arte de fabricar artefatos sonoros com toques e tons em suas línguas, como em habilidades de comunicação audiovisuais que desafiam leituras ocidentais” (ANTONACCI, 2013. p. 14).

Convém ressaltar, para além destes territórios reorganizados nas reformas urbanas e ressignificados por seus pertencentes, algumas figuras ativas em Florianópolis e que marcaram também a construção dessa visibilidade positiva almejada por muitos homens e mulheres agremiadas. Antonieta de Barros,² Ildefonso Juvenal da Silva,³ Trajano Margarida,⁴ e

Demerval Cordeiro⁵ merecem nota nestas breves palavras, pois atuaram política e educacionalmente para criar possibilidades de ascensão social de descendentes de africanos nas primeiras décadas da República.

Articulados em jornais, espaços políticos, constituindo escolas e ministrando curso primário, propunham a educação como forma de elevação social e melhores condições de vida. Cabe destacar que estes personagens, diante dos empecilhos impostos pela *Academia Catarinense de Letras* à participação de mulheres e de descendentes de africanos, fundaram seu próprio Centro, o *Centro Catarinense de Letras*, em 1925, dentro do espaço da *União Beneficente Recreativa Operária*, uma associação voltada para os trabalhadores. Articulando saberes letrados e vivências embebidas em memórias africanas, tratam-se de homens e mulheres engajadas em lutas que consideravam importantes e necessárias no período.

Decolonialidade, cultura e diáspora

Compreender os desafios em torno da decolonialidade de corpos, saberes e seres demanda questionar postulados eurocêntricos tidos como verdades universais, indagar as formas de construção do conhecimento e lançar conhecimentos na contramão das configurações hegemônicas e dominantes de produção cultural, social e científica tornam-se desafios a partir dos olhares oportunizados pelos debates postos à cena por Stuart Hall e o grupo fundador dos Estudos Culturais.

A cultura vive oscilações, perturbações e a questão multicultural, no entendimento de Stuart Hall, está no centro do debate sobre identidade

nacional. Cultura, na perspectiva que o autor propõe nos estudos culturais, é um modo de vida.

La “cultura” no es una práctica, ni es simplemente la suma descriptiva de los “hábitos y costumbres” de las sociedades, como tende a volvere em ciertos tipos de antropología. Está imbricada com todas las prácticas sociales, y es la suma de sus inter-relaciones. (HALL, 2010, p. 32)

Hall enveredou-se em desenvolver a crítica social, de modo a compreender as relações entre os distintos elementos que compõem “toda uma forma de vida”, atentando para os limites do marxismo e destacando que a cultura não deve ser absorvida pelo econômico. Segundo o autor, “a cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar” (HALL, 2003). Este introduz as questões referentes ao estudo da diáspora, especialmente da diáspora africana, nas discussões elaboradas pelo grupo dos estudos culturais. Para ele, a diáspora produz novas identidades culturais e a intenção é perceber como estas acontecem, se transformam.

No entendimento de Stuart Hall, os estudos culturais possibilitam um debate acerca de mudanças sociais e culturais, a partir de uma ruptura com as ideais tradicionais de cultura, em especial quanto ao que se compreendia por culturas tradicionais de classe, visto que em análises desta conjuntura não havia a dimensão de gênero e raça, questões estas inclusas no debate pelo grupo que fundara na Inglaterra o Centro de Estudos Culturais Contemporâneos (HALL, 2010, pp. 7-51).

A partir de bibliografias como *Os Condenados da Terra*, de Franz Fanon (FANON, F. **Os Condenados da Terra**. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2005), percebemos que as formas de conhecimento do “Novo Mundo” e da África foram eliminadas ou apropriadas pelo colonialismo

européu, tornando-se complexa a tarefa do historiador decolonial diante da tarefa de trazer à tona experiências e vivências invisibilizadas e/ou deturpadas durante séculos de produção do conhecimento eurocentrada.

Fanon chama atenção ao papel do intelectual na construção de narrativas na contramão, a partir de restos/resíduos que constituem sinais das existências dos colonizados. É preciso observar o fato de que as vítimas coloniais possuem signos e símbolos representativos de seus próprios universos culturais. Assim sendo, nosso olhar enquanto produtores de conhecimento, portanto, intelectuais, deve atentar para a realidade das colônias (ou antigas colônias) e não se pautar nos desmandos coloniais, ou, “manter-se com a cabeça na metrópole”, pois o *intelectual seduzido* pela metrópole jamais poderá compreender sua tarefa e seu papel de mudança, de libertação. Ao pensarmos os autores/intelectuais dos Estudos Pós-Coloniais, notamos a necessidade de refletir e produzir saberes na contramão do expansionismo eurocêntrico, masculino, branco, racional e iluminista. O pós-colonial desponta a precisão de estudarmos e pensarmos formas inovadoras de conhecimento e vivências.

Os Estudos Culturais, com estudiosos como Richard Hoggart, Raymond Williams, Stuart Hall, Edward Palmer Thompson e tantos outros, situados nas periferias da Inglaterra, perceberam a necessidade de discutir a influência das mídias, dos meios de comunicação, na vida das pessoas, sendo que Hall adentrou no universo das questões de raça e de racismo cultural. A partir de obras como as de Stuart Hall, aproximamos-nos de concepções como diáspora, abordagem extremamente necessária à pesquisa em andamento no doutorado, pois lidamos com histórias de homens e mulheres expropriados de seus territórios e que refizeram suas

identidades e ressignificaram suas culturas em ambientes novos, o “Novo Mundo”.

Cosmologia e cosmogonia presente nas populações de origem africana, que ao entrarem no “novo mundo” a partir do tráfico, trouxeram consigo experiências, expectativas, visões de mundo que se recriaram e ressignificaram nestes espaços diaspóricos. Percebemos, no caso dos sujeitos históricos de nossa pesquisa nas agremiações, que o passado e o presente estão inter-relacionados no pós-Abolição e as mobilizações em torno de educação, a organização do samba, seus blocos e escolas, além dos movimentos e enlacs dos clubes recreativos, possuem propostas políticas nas suas dinâmicas, sugerindo emblemas políticos em suas falas, versos e ritmos.

Estas agremiações pautaram suas preocupações em diferentes âmbitos, dentre os quais a educação e os processos de escolarização compunham repertório importante para a mudança na situação de exclusão das populações de origem africana no pós-Abolição, importando neste sentido, um distanciamento com a antiga condição cativa, vínculo com a escravidão passada.

Para Hall, a diáspora deve ser pensada em seu sentido mais potente, numa perspectiva simbólica de renascimento das Áfricas. O mundo contemporâneo vive constantes diásporas, as contingências de um mundo global, multicultural, em processos contínuos de incorporação e ressignificação. Para o autor, os grupos sociais selecionam – noção de Raymond Williams (incorporação) – determinadas formas com as quais se representam e esta forma dá-se sempre em relação ao “outro”, de modo a negociar com outras formas de representação vigentes na sociedade.

Assim, destaca as lutas culturais, num contexto onde não há vitórias ou derrotas definitivas, mas construções permanentes do processo de hegemonia. Para ele, a construção de representações sociais tem o campo da cultura como campo de batalha permanente e, por isso pensar na hegemonia enquanto em constante embate e nunca como algo dado, definido. Assim, o popular ou as culturas populares estão em contínua discussão/tensão com os valores, tradições, hábitos dos grupos dominantes.

Os Estados-Nação deparam-se então com a problemática da igualdade e da diferença, questões sobre as quais não haviam se preparado para discutir e resolver, mas que irrompem em forma de demandas e lutas culturais constantes. A tendência da globalização é a homogeneização, mas os grupos sociais e culturais, multiculturais e multiétnicos põem na pauta as tensões de uma sociedade que precisa resolver suas diferenças.

Neste sentido, no caso de nossa pesquisa em andamento, envolvendo as agremiações organizadas por afrodescendentes em Florianópolis na primeira metade do século XX, em se tratando da instalação e legitimação da República e, especialmente, do Governo Vargas e seus ideais de construção da identidade nacional, ritmos e músicas oriundas de matrizes culturais africanas foram comprometidas pela ideia de mestiçagem numa proposta de constituição da nacionalidade. Como bem aponta George Andrews, vale destacar que, se até o começo do século XX, os ritmos e performances de origem africana e indígena eram considerados atraso e indício de selvageria, nas primeiras décadas do século XX, diante de rearranjos dos Estados Nacionais na América Afro-

Latina, os símbolos nacionais, a composição das identidades, foram pautadas nestes movimentos antes rejeitados:

As formas de música, dança e movimento corporal com raízes africanas – o samba e a capoeira no Brasil; a rumba e o son em Cuba; o candombe, a milonga e o tango na Argentina e no Uruguai; o merengue na república Dominicana – foram rejeitados pelas elites e pela classe média brancas no século XIX como sendo primitivas, bárbaras e nos limites do crime; no século XX, essas mesmas danças foram abraçadas como símbolos essenciais de identidade cultural nacional. (ANDREWS, G. R. **América Afro-Latina, 1880-2000**. Trad. Magda Lopes. São Carlos: EdUSFCar, 2007. p. 35)

Pretendemos, com base nos documentos produzidos por componentes ou ex-componentes das Escolas de Samba *Protegidos da Princesa* e *Embaixada Copa Lord*, dos Clubes Recreativos *Brinca Quem Pode* e *União Recreativa 25 de Dezembro*, compreender os usos da memória enquanto fonte e as críticas necessárias a ela e, ao mesmo tempo, quão ricos podem ser estes documentos para a escrita da História, especialmente aqui, ao lidar com a memória das populações de origem africana, historicamente esquecidas e excluídas da historiografia catarinense – ou então, aparecem constantemente apresentadas como promíscuas e ligadas apenas ao contexto da escravidão.

Se a Abolição trouxe à tona a questão da cidadania, esta ainda enfrentava desafios quanto às convivências e tensões raciais do período. Neste sentido, os mecanismos de ascensão social construídos por homens e mulheres de origem africana indicavam reações a conflitos cotidianos.

Percebemos, a partir destes apontamentos, que as populações de origem africana se organizaram, construíram e recriaram mecanismos

próprios de “sociabilidade, política, cultura e lazer, a partir de distintas racionalidades, lógicas e possibilidades. Criativos e versáteis, apropriaram-se seletivamente da retórica da cidadania” (DOMINGUES, P. Um desejo infinito de vencer: o protagonismo negro no pós-Abolição. **Revista Topoi**, vol. 12, nº 23, jul-dez. 2011. p. 131) e consolidaram redes de solidariedade.

Este ponto é fundamental para percebermos alianças, embates, dissabores e tantos outros elementos que constituíam o dia a dia dos sujeitos históricos das agremiações afrodescendentes em Florianópolis. Assim como a Irmandade do Rosário, a Escola de Samba *Embaixada Copa Lord*, o Clube *Brinca Quem Pode*, o *Flor da Mocidade* e a *União Recreativa 25 de Dezembro*, o *Figueirense Futebol Clube* constituíam territórios marcados pela presença e atuação de populações de origem africana em Florianópolis no pós-Abolição. Territórios marcados por códigos culturais de matriz africana e cujos traços envoltos no samba, na religiosidade e nas expectativas de vida possibilitaram a criação e a consolidação de espaços múltiplos de vivências, memórias e histórias.

Percebendo os momentos imediatos à Abolição dentro de dinâmicas relações cotidianas, em que vivências passadas poderiam retornar em forma de lembranças, memórias e aspirações, questionamos como estas aspirações de antigos cativos(as), criadas a partir de experiências como sujeitos ativos na luta pela abolição da escravatura, transformaram - ou não - os sentidos da participação nestas agremiações e a configuração dos novos territórios urbanos habitados por estas populações de uma sociedade, agora republicana.

Enfatizamos que nosso olhar pretende visualizar homens e mulheres afrodescendentes enquanto pessoas, sujeitos históricos detentores de sonhos, projetos de vida, experiências e anseios, muito além do que as elites os rotulavam, para além da ideia de ex-escravos. Deste modo, nosso papel político, intelectual e ativo pauta-se num mundo “descoberto em outros céus, outros horizontes”, onde a cultura nunca pode ser simplificada (BHABHA, H. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998. p. 258). Pensamos as experiências múltiplas de sujeitos populares enquanto manifestações de valores, visões de mundo que se mostram no terreno das contradições. Estes valores produzidos remetem ao campo da cultura. Nosso papel implica em posicionamento político desde o momento em que optamos por estudar classes populares e, mais ainda, lidamos com a arte das palavras de modo a interpretar essas culturas populares vividas.

Concebemos seguir a pesquisa delineando alguns apontamentos em torno da memória oral enquanto narrativa, a marca da condição humana, atrelada a um corpo, político, produzido de diferentes formas nas diferentes sociedades. Autores como Edgardo Lander (LANDER, E. (Org.) **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. BH/SP, CLACSO, 2005), Edouard Glissant (GLISSANT, E. **Introdução a uma Poética da Diversidade**. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2005) e Walter D. Mignolo (MIGNOLO, W. **Histórias Locais/Projetos Globais: colonialidade, saberes subalternos, pensamento liminar**. Belo Horizonte: UFMG, 2003) permitem avançarmos na compreensão de um pensar para além das estéticas e dos padrões eurocêntricos, percebendo brechas e

lacunas capazes de indicar vivências outras que não as figuradas no cenário dominante de até então.

Refletindo acerca da “provocação” de Edward Said (SAID, E. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Cia das Letras, 2003), temos um desafio, se este for possível, e creio que seja: produzir um conhecimento do “outro” que seja libertário, não pautado num padrão, numa ordem, numa homogeneidade na forma de pensar. Necessitamos de novas epistemologias, novos potenciais éticos que cada conhecimento produz. Precisamos ouvir as vozes que se pronunciam e que não estamos habituados a ouvir, pois nossos ouvidos ocidentais não se habituaram a reconhecer os códigos culturais enunciados pelos sujeitos históricos ditos como “outros”. Descolonizar nossas mentes proporcionará refletir sobre sentidos, expectativas e visões de mundo para além do universo eurocêntrico.

Como diria Petrônio Domingues, em “*Um desejo infinito de vencer*”, faz-se “mister reconhecer que os afro-catarinenses, malgrado viverem em condições sociais subalternas, foram capazes de influenciar a ‘roda da fortuna’, criar (e recriar) um mundo para si” (DOMINGUES, 2011, p. 132) e nisto, podemos incluir as lutas diárias por dignidade e uma vida melhor, além da constituição de espaços organizativos capazes de atender a demanda desta população que nem sempre foi autorizada a participar de espaços ditos “para todos”, visto que impediam a entrada daqueles e daquelas que lembravam a escravidão, pois carregavam em seu corpo, sua pele, as marcas do passado escravista.

Notas

* Doutoranda em História Social na PUC-SP, mestra em História Social pela PUC-SP, graduada em História pela UDESC. Professora tutora no CEAD-UDESC, pesquisadora associada ao CECAFRO e ao NEAB-UDESC. E-mail: karlaleandro@gmail.com

¹ Este trabalho apresenta reflexões iniciais de minha pesquisa de doutorado em andamento pela PUC-SP, intitulada *Enredos de Agremiações Afrodescendentes em Florianópolis (SC) – 1920 a 1950*, sob a orientação da profa. Dra. Maria Antonieta Martines Antonacci.

² Antonieta de Barros nasceu em Florianópolis em 17 de julho de 1901, exercendo papel político e intelectual importante na cidade e no estado, tendo sido a primeira mulher a participar da Assembleia Legislativa de Santa Catarina. Foi deputada à Assembleia Legislativa de Santa Catarina na 1ª legislatura (1935 — 1937), como suplente convocada. Era filiada ao Partido Liberal Catarinense (PLC), partido criado por um grupo das elites serranas catarinenses, da qual fazia parte Vidal Ramos e Nereu Ramos. Antonieta também atuou como deputada estadual na 1ª legislatura (1947 — 1951), como suplente convocada, afiliada ao Partido Social Democrático (PSD), partido nascido em 1945 com apoio de Getúlio Vargas.

³ Ildefonso Juvenal (1894-1965) era “oficial da Força Pública, farmacêutico, jornalista, teatrólogo, participando de entidades cívicas e literárias, sendo autor de dezesseis livros”. Consultar: GARCIA, Fábio. *Intelectuais negros no pós-abolição: associativismo negro em Florianópolis (1915-1925)*. **Anais Eletrônicos ANPUH**. Fortaleza, 2011. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/site/anaiscomplementares>. p. 01.

⁴ Trajano Margarida (1889- 1946), “amanuense da Secretaria do Interior do Estado de Santa Catarina, professor, jornalista, educador, autor de diversas obras literárias e membro fundador de entidades cívicas e literárias”. Consultar: GARCIA, 2011, p. 01.

⁵ “Membro da antiga Força Pública (atual Polícia Militar de SC), destacou-se, em sua carreira militar, por ser brilhante orador. No campo intelectual, compôs a equipe de pesquisa e redação sobre o centenário da Força Pública, no ano de 1936, juntamente com o militar Ildefonso Juvenal. Sua preocupação com a preservação da história militar catarinense levou-o a escrever um opúsculo sobre a fundação do corpo de bombeiros em 1952”. Disponível em: <http://afromemoria.blogspot.com.br/2008/08/personalidade-negra-catarinense-ii.html>. Acesso em 04 de julho de 2015.